

Nos últimos anos, a revista **ARS** veio ampliando de modo gradual seu escopo de atuação, incursionando por temas diversos das artes e da cultura, nem sempre diretamente ligados às artes visuais, mas de inegável interesse para a área. Essa ampliação do escopo não alterou, todavia, o foco prioritário da publicação, que segue sendo as artes visuais. A mudança foi instigada por um difuso sentimento de inquietação, crescente nos últimos tempos; para todos, tornava-se cada vez mais incontornável o imperativo de uma visão mais complexa e multifacetada da arte, especialmente a partir do final da década de 2010. Sob o signo do agravamento da situação mundial, com a crise ambiental e o colapso social que resultava do recrudescimento da desigualdade e da fome, amadurecia, enfim, entre os editores, o desejo de oferecer um quadro mais complexo e diversificado da arte na atualidade, capaz de mostrar a produção artística implicada no horizonte mais amplo da realidade política e social contemporânea.

Tal como a mais recente mudança no projeto gráfico de **ARS**, premida, principalmente, pela adoção exclusiva do meio digital, o redirecionamento editorial é ainda uma experiência em curso, que solicita tempo, reflexão e um trabalho paciente e meticuloso de compreensão da resposta de autores, leitores, como também a avaliação da capacidade da revista, em seu formato editorial atual, de capturar com mais acuidade seu objeto – como se sabe, cada vez mais ampliado e resistente a categorizações. Por certo, desde sempre prezamos a interdisciplinaridade e a consideramos uma premissa já internalizada na produção de conhecimento, num processo ademais deslanchado já há muito, nos anos 1960, quando as ciências sociais, a crítica literária e o campo das humanidades em geral rebelaram-se diante de bem estabelecidas instituições e de seus métodos canônicos, alargando

e renovando notavelmente seus limites e objetos. De lá para cá, não se espera de trabalhos de investigação que se pretendem rigorosos menos do que uma inteligência interdisciplinar.

Mas nem por isso julgamos que se possa descuidar do campo disciplinar da arte, negligenciar o legado, por certo problemático, de suas antigas disciplinas – inclusive para criticá-las com mais propriedade. Daí advém a decisão editorial de não renunciar ao enfoque prioritário nas artes visuais, capaz de incursionar com desenvoltura por seu campo disciplinar – e também, naturalmente, fora dele. O maior desafio que essa decisão nos sinaliza, daqui por diante, parece ser o de buscar um ponto de equilíbrio – ou de confronto produtivo – a partir do qual não percamos de vista nosso compromisso editorial com o debate e a reflexão sobre arte. Como vem ocorrendo nas edições mais recentes de **ARS**, o volume de n. 43 reúne textos a revelarem autores provenientes de um leque diversificado de *backgrounds* e formações acadêmicas, e que propõem métodos e abordagens variados do objeto artístico ou da questão cultural – trazendo à tona, ademais, o caráter rico e diversificado da formação em artes oferecida nos cursos de pós-graduação pelo país afora.

Abre a publicação o ensaio "Um Cinema concreto: os filmes do Fluxus", no qual Hermano Callou ilumina uma produção pouco discutida e raríssimas vezes abordada na história da arte contemporânea a partir dos anos 1960, destacando-se a singularidade das dimensões do "concreto" e do "monomórfico" que deveriam marcar os filmes produzidos pelos artistas do grupo. Segue-se o texto "Do espaço cibernético à Guerra dos Canaimés: imagens que ganham vida e a arte como armadilha", em que Alessandra Bergamaschi discute a espécie de ecologia das imagens que

marca a vida contemporânea, as quais já não se deixam explicar à luz das teorias tradicionais do simulacro; essas imagens já não se ofereceriam como instâncias vicárias, assomando, em vez disso, como experiências fundantes, que operam mediante uma inteligência de sistema, no limite prescindindo da injunção humana para se interrelacionarem. Alessandra interroga as cosmovisões na obra do artista de origem indígena Jaider Esbell, morto recentemente, como uma espécie de núcleo duro, a resistir a tal automatismo das imagens.

Em "Judith Scott: a tessitura do devir", Solange de Oliveira focaliza o percurso da obra de Judith Scott (1943-2005), artista norte-americana portadora da síndrome de Down, e que viveu inteiramente para seu fazer, confinada em instituições de cuidados. Evitando parcimoniosamente qualquer aceno a abordagens teóricas, a autora recorre com sutileza às noções bergsonianas da temporalidade – o tempo complexo, denso, não finalista, não instrumental tal como revelado pelo filósofo – para entender a relação íntegra e amorosa de Judith com o fazer, a partir de uma experiência refinada com cores, fios e materiais têxteis. No ensaio "O espaço delas: a participação de artistas mulheres nos Panoramas tridimensionais do MAM-SP (1972-1991)", Tatiana Sampaio Ferraz examina com acuidade, firmada em consistente acervo de documentos, a participação de artistas mulheres nas edições do Panorama da Arte Atual Brasileira dedicadas à escultura, com foco especial nas décadas de 1970 e 1980, buscando compreender, através da análise desse caso particular, a inserção das mulheres artistas no meio de arte brasileiro.

O texto "Contra-história, geopolítica e interseccionalidade en la construcción de la obra de Adriana Varejão y Joana Vasconcelos", de

autoria de Gloria Lapeña-Gallego, procede ao exame *pari passu* das obras das duas artistas, apontando como cada uma delas, a seu modo singular, reconfigura o campo institucional da história, fazendo intervir em suas narrativas novos personagens e novas motivações, revertendo premissas colonialistas, iluminando facetas patriarcais, assim infundindo a essas narrativas um potencial crítico, de desconstrução e emancipação. A empreitada feminista da autora é centralmente mobilizada pela noção foucaultiana de *contrahistória*. Em "Magnolia: a construção imagética de uma muxe por Graciela Iturbide", Luiza Possamai Kons examina a obra que a fotógrafa mexicana dedicou às *muxes*, homens da comunidade indígena zapoteca, da cidade mexicana de Juchitán, no estado mexicano de Oaxaca, que se identificam com o gênero feminino, e cuja cultura de travestimento, reconhecida e consagrada pelos seus, reporta ao período pré-hispânico.

Enfeixa o conjunto de artigos selecionados para esta edição o ensaio "Comunidade miniatura: arte, modernidade, vazio", no qual Artur de Vargas Giorgi, propondo um percurso estético pela modernidade espelhado nas derivas de Walter Benjamin, comenta a experiência de um mundo fragmentado, museificado e miniaturizado nas obras de artistas e escritores contemporâneos, como Oscar Masotta, Leon Ferrari e Ilya Kabakov. Complementando a seção de artigos inéditos, publicamos três textos de um conjunto de seis selecionados, em fevereiro deste ano, no âmbito do projeto *Diálogos com a Graduação*, os três primeiros tendo aparecido no número 41 da **ARS**. O projeto, como se sabe, visa incentivar à carreira teórica jovens pesquisadores cursando a graduação em cursos de artes ou áreas afins. Aparecem no volume 43 os textos: "Umberto Baldini, Ornella Casazza e Alessandro Conti: a obra de arte e sua existência no tempo", de João

Guilherme Parisi; "Pedagogia Griô: paradigmas para a arte/educação com a tradição oral", de Carolina Eiras Pinto, Iago Cerqueira dos Santos, Pamella Correia Croda e Thiago de Jesus Correa, e "William Blake contra os 'moinhos satânicos' da racionalidade moderna", de Isabela Ferreira Loures.

No primeiro deles, o pesquisador discute a complexidade de decisões envolvidas no restauro de obras de arte a partir de diferentes concepções de restauradores italianos em torno da recuperação do *Crucifixo*, de Cimabue, danificado na enchente do rio Arno em 1966, ressaltando o desafio de sopesar as perdas estéticas sofridas pelo original e a retenção dos rastros da ação do tempo, sob o risco de se falsear, no processo de restauração, a historicidade das próprias obras. No artigo subsequente, os autores abordam as potenciais contribuições da adoção da pedagogia Griô ao ensino formal; conforme explicam, trata-se de uma metodologia experimental de ensino que enaltece a vivência formativa e os saberes surgidos em práticas comunitárias, inspirada na tradição africana de transmissão oral de conhecimentos e adaptada às matrizes culturais e à realidade brasileiras. Já em "William Blake contra os 'moinhos satânicos' da racionalidade moderna", Isabela Ferreira Loures analisa a primazia da imaginação na obra literária e artística de Blake à luz de sua insubordinação ao racionalismo e ao empiricismo em voga, notadamente o pensamento de Francis Bacon, John Locke e Isaac Newton, designados por Blake "tríade satânica", contra a qual contendeu com exasperação, ao passo que se aproximou, à sua maneira, das proposições do filósofo irlandês Georges Berkeley.

Reiterando uma das pedras de toque da revista, que consiste em

oferecer aos leitores versões brasileiras de textos estrangeiros de difícil acesso, referenciais para a pesquisa no campo da arte, esta edição traz a público tradução inédita do texto "O revivalismo da arquitetura", de William Morris, autor reconhecido na tradição marxista como pioneiro nos estudos sobre estética, arquitetura e *design*. Nesse escrito de 1888, Morris lança-se contra o neogótico de sua época, ressaltando o artificialismo daquela empreitada que podia, quando muito, alcançar efeitos imitativos vulgares, uma vez que a vitalidade inerente às edificações medievais decorria da expressão mesma de uma vida social que, àquela altura, mostrava-se inelutavelmente transformada pela modernização industrial.

Destacamos, por fim, o ensaio visual que André Leite Coelho elaborou especialmente para esta edição de **ARS**, reunindo um conjunto de fotografias sob o instigante título "Estão mais perto do que parecem", algumas das quais mostrando imagens de outras imagens. São fotos que revelam extraordinária limpidez e simplicidade estrutural, despertando-nos um tipo de atenção rara, por assim dizer, a fundo perdido, propícia a uma experiência qualificada de *observação*. O ensaio de Coelho mostra de que maneira a ideia de horizonte e o uso de diagonais é basilar na percepção espacial, de sorte que em cada imagem há um pequeno aprendizado sobre os modos como o espaço pode sempre se revelar uma vez mais a nós.

Os editores/
dezembro de 2021